

SUJEITO E TÓPICO DO DISCURSO

Eunice PONTES (Universidade Federal de Minas Gerais)

ABSTRACT. In this article, part of a more extensive work on subjects (forthcoming), I discuss the usually made claim that subjects are topics; I examine the relation between sentence topic and discourse topic, following Van Dijk and others; and I show the need to distinguish sentence topic from discourse topic and propose to call the latter 'theme'. Some of Givón's ideas about this subject are presented and discussed. The idea that left dislocation is a device for reintroducing a topic is examined and confronted with Portuguese data. Finally, I show how the subject of a sentence express the theme of a text. The objects, on the other hand, are not necessarily linked with the theme of the text.

Mais de um lingüista acredita que o sujeito expressa o tópicu discursivo (cf. Givón (1979)(1981); Perini (1981); Lyons (1977))

Tinha minhas dúvidas, porém, a respeito deste ponto. Se o tópicu discursivo é o mesmo que o assunto ou o tema do discurso, não via razão para que o sujeito necessariamente expressasse esse tema.

Minhas dúvidas aumentaram ao ouvir o sermão dominical de um padre no dia de Cristo-Rei. O tema do Evangelho, de acordo com a interpretação oficial da Igreja, explicitamente colocado no folheto da Missa (que reflete o ponto de vista oficial da Igreja) era "Cristo é Rei". O sacerdote desenvolveu esse tema. No entanto, em várias sentenças que ele usou, o sujeito era Lucas, o autor do Evangelho lido: "Lucas quer mostrar..." "Lucas nos chama a atenção para ...". Era óbvio que o tema não era Lucas, mas sim o fato de Cristo ser rei. Examinando o próprio texto do Evangelho veri-

ficamos que nenhum sujeito, de nenhuma sentença, é *rei*. No entanto, estudando com atenção o texto, não é difícil aceitar que o tema da passagem é o que a Igreja estabeleceu. Vejamos a passagem, que é de Lucas, 23, 35-43:

"O povo conservava-se lá e observava. Os sumos sacerdotes escarneciam de Jesus, dizendo: "A outros salvou; se for o Messias, salva-se a si mesmo". Também os soldados, aproximando-se para oferecer-lhe vinagre, zombavam, dizendo: "Se és o rei dos judeus, salva-te a ti mesmo". Pois havia também uma inscrição sobre ele: "Este é o rei dos judeus".

Um dos criminosos crucificados insultava-o, dizendo: "Não és tu o Messias? Salva-te, pois, a ti mesmo e a nós". O outro, porém, tomando a palavra, repreendia-o dizendo: "Nem tu, que estás sofrendo o mesmo suplício, temes a Deus? Nós padecemos com justiça porque recebemos o castigo digno de nossas obras, em quanto este nada fez de mal". E falou: "Jesus, lembra-te de mim quando chegares ao teu Reino". E Jesus lhe respondeu: "Em verdade te digo: ainda hoje estarás comigo no paraíso".

Observa-se, nesta passagem, uma narrativa dramática, que o tema *rei* é apresentado através não de nenhum sujeito, mas sim de outras funções sintáticas bem menos "importantes": adjunto predicativo (duas vezes) e um adjunto adverbial (complemento adverbial?). *Messias*, que está relacionado a *Rei*, também aparece como adjunto predicativo (2 vezes). É significativo o fato de que todas as vezes em que estas palavras apareceram, foi no final da oração (cf. a teoria do dinamismo comunicativo de Firbas). Mas a verdade é que se quisermos achar o tema desse trecho olhando os sujeitos das Ss, não o encontramos. Os sujeitos são: "o povo", "os sumos sacerdotes", "os soldados", "Jesus", "um dos criminosos", "o

outro (criminoso)". Ou seja, são os personagens, os "sujeitos" num sentido mais semântico: os agentes. Eles fazem parte de, *constituem* o drama. Mas o *tema* está ligado ao *sentido* do drama. O que a Igreja procurou foi o significado daqueles acontecimentos e tirou deles a lição: Jesus é o Rei, o Messias. É claro que rei não deste mundo, mas de outro, aquele que Ele promete ao (bom) ladrão.

Poderíamos discordar desta interpretação oficial da Igreja, poderíamos interpretar que o mais importante nessa passagem é o perdão do pecador arrependido, mas parece que o tema não se confunde com os personagens, é algo mais sutil, mais profundo, mais imaterial. Estou, é claro, considerando que *tema* é aquilo que os americanos chamam "the point". Diante de um discurso (até de uma anedota) eles perguntam: "What is the point?". Labov e Valetzky (1977: 33) dizem, a respeito de uma narrativa, que uma narrativa que não tem "point" "não tem significação". Quando alguém nos conta uma anedota na qual não percebemos esse "point" perguntamos "E daí?"

Estas observações nos levam a pensar também que o fato de os diálogos humanos terem uma predominância de sujeitos humanos, sendo a primeira pessoa e a segunda (nesta ordem) os mais recorrentes, não significa necessariamente que estes sejam os tópicos predominantes na conversa humana. É possível que neles ocorra o mesmo que com o texto acima analisado: os sujeitos são os personagens do drama, os agentes. Mas tópico pode ser outra coisa.

É possível que a identificação entre tópico do discurso e sujeito tenha sido sugerida à mente das pessoas pela etimologia da palavra: o Prof. Abreu Rocha me lembrou que "sujeito" etimologicamente (e juridicamente, ainda) se identifica com assunto; e em inglês até hoje tem esse sentido. Na literatura científica em inglês também é possível que essa identificação se faça, porque pelo menos nos Estados Unidos, desde os primeiros anos escolares, os estudantes são treinados nes

ta direção: o tópic^o do texto deve ser expresso no título, a primeira sentença de cada parágrafo costuma indicar o tópic^o do parágrafo, etc. (ver Wishon & Burks (1968)).

É possível que em inglês, sobretudo em língua escrita formal, haja essa identificação.

1. Tópic^o e "esquema"

Van Dijk (1982) coloca várias questões sobre o tópic^o que coincidem com as minhas: qual a distinção entre tópic^o de discurso e sentencial, se as Ss têm tópic^o independente do texto, quais as relações entre tópic^o e sujeito, se a noção de tópic^o é sintática, semântica ou pragmática. Ele acha que o "status" de tópic^o e comentário é semântico e pragmático. Quanto ao problema de se, em uma S como "Harry pagou o livro com uma nota de cem dólares", está se falando de *Harry*, do *livro*, ou de ambos, ele propõe o teste da pergunta: se a oração vem em resposta a uma pergunta como "O que fez Harry?", então o tópic^o é *Harry*. Se foi "O que aconteceu ao livro?", o tópic^o é *livro*. E se foi "O que Harry fez ao livro?" então seria o "par ordenado" {*Harry*, *o livro*}. Ou seja, é o discurso precedente que estabelece o tópic^o.

Quanto ao caráter de tópic^o "já sabido" ou "presuposto" ele explica que os comentários não denotam simplesmente objetos desconhecidos. O que é desconhecido em uma S como "Harry pagou o livro com uma nota de cem dólares" (no contexto em que o autor a coloca) não é *livro*, mas a relação entre *Harry* e *o livro*.

Do ponto de vista cognitivo, Van Dijk diz que "tópic^o de uma S tem a função cognitiva particular de selecionar uma unidade de informação ou conceito a partir do conhecimento" (p. 117). "O indivíduo referido pode ter sido já introduzido no contexto da comunicação ou por ação direta ou por percepção de certos objetos (Esta cadeira deve ser pintada de vermelho) ou por Ss prévias do discurso" (p. 118). Como outros autores,

ele considera que a "topicalização" de certas frases é um processo pelo qual certos indivíduos são "foregrounded", i.e., tomados do estoque da memória de longo termo para alguma memória ativa (de trabalho), em que a informação estabelecida pode ser combinada com nova informação" (p. 118).

Em princípio, para ele, qualquer SN na S pode ser tópico. No discurso pode haver (mais no literário) frases sem tópico, em que toda a informação é nova, como em "Um homem estava andando numa praia". Tem-se aí a introdução do tópico. A noção de "aboutness" (acerca do que se fala) ele reconhece que não é muito precisa e, pelo menos para a S, nem sempre decidível. Tem que ser estabelecida em termos contextuais. Uma S como a citada pode ser sobre um homem, sobre a praia, ou ambos. Temos, então, a necessidade de trabalhar com a noção de tópico do discurso. Para ele, o tópico do discurso pode ser *um homem estranho* e o da S ser *seu cigarro, suas calças, etc.* (p. 119). Também o tópico pode ser uma informação implícita no discurso, como quando falamos "O nariz dele..." sem que *nariz* tivesse ocorrido antes. Contudo, o conceito *homem* implica ter um nariz (id.). "Assim, tópicos podem ser expressos por qualquer sintagma que se refere a um indivíduo (con)textualmente identificado pelo ouvinte, mas também por todas as outras expressões para indivíduos ou propriedades pertencentes ao que pode ser chamado extensão (gama) epistêmica daquele objeto" (id.).

Ele nota que "esta abordagem textual do tópico sentencial não garante que sempre o sujeito de uma S é automaticamente o tópico daquela S, mesmo na ordem normal".

Exemplifica com as respostas possíveis a "O que aconteceu com as jóias?" que podem ser: "Elas foram roubadas por um freguês", ou "Peter vendeu-as a um comerciante de diamantes de Antuérpia". No primeiro caso, o tópico é expresso pelo primeiro SN, mas no segundo pelo segundo SN. Ele conclui que, além da ordem sintática e da distribuição do acento, ainda os pronomes

e os artigos definidos dão indicação sobre a função t_{ópica} de certos sintagmas.

Lembra também que expressões sinônimas podem ser usadas para a cadeia t_{ópica}, como *Fairview* e *a pequena cidade...* (p. 120).

Ainda há a possibilidade de uma ligação implícita, como quando, no texto que Van Dijk analisa, está-se falando da pequena cidade e em seguida se começa uma S com "Os comerciantes mais progressistas tinham-se transferido..." - onde se assume que na cidade havia comerciantes progressistas, embora não tenha sido mencionado.

Enfim, quanto ao "status" das categorias t_{ópico} e comentário, ele acha que elas no mínimo têm "status" semântico. É uma distinção que relaciona os referentes dos sintagmas: "em geral um sintagma tem função t_{ópica} se seu valor em algum mundo possível foi já identificado como um valor de expressões em proposições (con)textuais precedentes implícitas ou explícitas" (p. 121).

Partindo da idéia de que t_{ópico} é uma função relativa, ou seja, presa ao contexto, ele mostra que não é fácil decidir o que é o t_{ópico} da S. Por exemplo, se dissermos "Pedro encontrou uma moça esta tarde" e "A moça era muito bonita", pela regra, *a moça* seria o t_{ópico} da segunda S, mas ele acha, intuitivamente, que a S é principalmente sobre o *rapaz*. Em seguida, ele apresenta a seguinte historinha:

"Era uma vez um velho rei. Ele tinha sete filhas. Uma delas era chamada Bella. Ela amava muito seu pai..."

Aqui, embora Bella tivesse, também como no caso anterior, sido introduzida em relação a seu pai, não se pode dizer que o t_{ópico} da quarta S é *seu pai*. Van Dijk nota que uma S como "Ele era seu melhor amigo" seria inaceitável como a quarta S, enquanto que "Ele amava mais do que tudo" assim como "Seu Pai era seu melhor amigo" seriam aceitáveis. A explicação para esse fato, segundo o autor, é que a primeira S desse par estabeleceria *o pai* como t_{ópico}. O fato de não poder

aparecer *ele*, na oração inaceitável, é porque *ele* não expressa um tópico, mas *parte* de um tópico ('ela' ou 'seu melhor amigo' são tópicos ou tópicos derivados) (p. 125).

Na verdade, ele reconhece que a dificuldade de estabelecer o tópico da S vem da falta de definição de tópico do discurso, ou de tópico de passagem. Há o problema da continuidade e mudança de tópico - quando há expressões co-referenciais ao tópico, temos continuidade. Para ele, a mudança de tópico se dá quando há referência a "coisas previamente identificadas referidas por sintagmas no comentário", como em:

a. Estou procurando minha máquina de escrever.

b. Ela não está mais em minha secretária. (p.125)

Note-se a semelhança desta sequência, que ele considera de mudança de tópico (porque o 1º tópico é *eu*) e Ss como as que eu registrei: (A) Tô procurando a Vanda. B) A Vanda eu falei com ela ontem. Givón (1979) aponta as Ss com deslocamento à esquerda como tendo a função de mudar o tópico. São que eu acho que aí não há mudança de tópico, mas sim a introdução de um tópico na primeira S, seguido da continuação na segunda. Para mim, a segunda S dá continuidade ao tópico introduzido na S anterior, através do comentário. Como pode haver mudança de tópico, se a conversação começou com aquela S? Parece-me estranho dizer que o tópico da primeira S é *eu*, uma vez que a finalidade da S é perguntar (indiretamente) sobre a *Vanda*. Muitos lingüistas fazem aí uma distinção entre *foco* e *tópico*. O *foco* da primeira S é *Vanda*. Na segunda ela é *tópico*, porque é elemento já introduzido. Mas acho muito estranho dizer que o tópico mudou, da primeira S para a segunda, se ele foi introduzido numa e continuado na outra. São faz sentido falar em mudança de tópico em relação ao contexto precedente mais amplo.

Van Dijk observa, argutamente, que seria difícil manter que o tópico seja eu na S "Eu não a vejo no meu escritório", proferida em continuação a a) e b) acima, o a referindo-se à *máquina*.

Ele conclui que não é simples distinguir entre tópico sentencial e tópico do discurso e que "além das condições referenciais... a atribuição da função tópica também parece ser determinada por regras de continuidade e mudança de tópico, e mais ainda, por fatores pragmáticos como *interesse*, *importância* ou *relevância*" (p. 126).

Tentando especificar o que é tópico do discurso, Van Dijk toma um texto sobre uma pequena cidade em declínio e se pergunta como é que o falante sabe reconhecer *sobre que* é aquele texto. Tópico do discurso para ele (como parece ser a noção intuitiva que temos) é a mesma coisa que *tema* ou *assunto*. Ele verifica que esse tópico aparece expresso em várias passagens, mas ele quer saber como é que sabemos que aquelas passagens é que expressam o tópico.

Analisando as passagens, ele mostra que elas estão ligadas pelo significado, que umas Ss *especificam* o significado das outras. Em suma, ele conclui que "um conceito ou estrutura conceitual (uma proposição) pode se tornar um tópico de discurso se ela organiza hierarquicamente a estrutura (proposicional) da seqüência" (p. 134). O conjunto de proposições forma um *esquema* i.é. "um subsistema de conhecimento sobre algum fenômeno no mundo como, por exemplo, prosperidade e declínio econômico" (o tema da passagem examinada). Vemos, portanto, que o tópico ou tema de uma passagem é definido semanticamente: "nós definimos tópico do discurso (ou de uma parte do discurso) como uma proposição implicada pelo conjunto associado de proposições expresso pela seqüência (p. 136). Ou seja, o tópico "deve ser assegurado (entailed) pela seqüência como um todo" (id.). Assim, é necessário reconhecer os subtópicos também.

Não é necessário que exista uma S que expresse as proposições tópicas, mas elas podem ocorrer, para enfatizar. Van Dijk enfatiza que "A idéia básica é que o significado de uma seqüência não é meramente a 'soma' das proposições subjacentes à seqüência, mas que, em outro nível, deveríamos falar do significado da seqüên

cia como um todo, ordenando hierarquicamente os significados respectivos de suas sentenças" (p. 143).

Ela deixa bem claro que "as macro - (estruturas do discurso) são muito menos diretamente relacionadas a sentenças reais porque elas são propriedades de nível mais alto de seqüências de proposições" (p. 150). Às vezes, como já disse, aparecem sentenças tópicas, que expressam diretamente o tema do discurso (em geral no início ou no fim). "Elas fornecem diretamente a macro-estrutura de uma passagem em vez de deixar a construção da macro-estrutura para o destinatário, i.é., elas facilitam a compreensão" (id.). Outra maneira de evidenciar as macro-estruturas é pela *conexão* (por exemplo, por conetivos). Uma terceira maneira é pela *referência*: pro-formas e demonstrativos, sintagmas definidos. Há também evidência léxica, como "na expressão do conceito contendo os conceitos no resto da passagem, pelo menos em alguma espécie de estrutura relacional" (p. 152). Este é o meio mais direto de expressar as macro-estruturas. Por fim, há a "identidade de tempo, lugar ou modalidades macro-estruturalmente determinada" (p. 152).

Além disso, há ainda as indicações de parágrafo: "elas marcam seqüências que de algum modo "estão ligadas", i.é., que pertencem ao mesmo tópico" (p. 152).

Esse estudo de Van Dijk, como vimos, coloca em cheque a afirmação que se faz correntemente, de identificação entre o tópico da S e o do discurso. Até que ponto é verdadeiro ou conveniente dizer que o sujeito é o tópico da S, se vemos que Lyons (1977) e Van Dijk (1982) afirmam que numa S isolada é difícil reconhecer o tópico, uma vez que tanto se pode estar falando do ser expresso pelo SN sujeito como do objeto, ou mesmo do adjunto adverbial? E no contexto também, Van Dijk mostra que qualquer desses SNs pode expressar o tópico do texto. Este autor afirma o que já sabemos intuitivamente, ou seja, que o tópico do discurso é semântico e se depreende da seqüência como um todo.

No entanto, permanece o fato de que a tradição

lingüística e lingüistas contemporâneos identificam o sujeito com o tópico.

Creio que a resposta talvez esteja na (co-)referência, que Van Dijk arrola como um dos meios lingüísticos pelos quais as macro-estruturas se expressam. Givón (1981) arrola entre os fatores de continuidade de tópico exatamente os que Van Dijk engloba sob a denominação de referência: pro-formas, SNs definidos. Com efeito, é através de sintagmas co-referentes que se mantém a continuidade do tópico. Essa co-referência também pode ser léxica, como demonstraram Halliday e Hasan (1976), ao estudar a coerência. Além disso, o tópico se expressa pela hierarquia dos conceitos, que se organizam nos esquemas, que Van Dijk, apoiado na Psicologia Cognitiva, define da seguinte maneira: "o esquema denota uma estrutura conceitual na memória semântica e representa uma parte de nosso conhecimento do mundo" (p. 159). Um esquema é "um *princípio organizacional*, relacionando um número de conceitos que por *convenção e experiência* de algum modo forma uma 'unidade'" (p. 159). O conhecimento é organizado na base do que *tipicamente* está ligado (id.). Isso é que explica que, quando se diz "Nós fomos ao restaurante, mas a garçonete estava muito ocupada para nos atender" o SN *garçonete* pode ser definido porque pertence ao esquema de restaurante.

Onde entra o sujeito nisso? Creio que a explicação está no fato de que o sujeito costuma vir no início da S, quando não há tópico expresso. E no início da S, como lingüistas diferentes já demonstraram, o falante tem tendência a colocar um SN que se liga ao que foi falado antes. Quanto a isso os psicolingüistas Hupet e Costerman (1976) relatam testes em que pessoas foram solicitadas a construir Ss ativas ou passivas a partir de um comentário anterior que o pesquisador fazia e as pessoas tendiam a começar as Ss com o tópico apresentado. Fiz uma análise de um texto em *Isto É* (ver Pontes (1981)) e verifiquei a procedência do que Givón tem afirmado em sucessivos trabalhos: o sujeito

na maioria dos casos dava continuidade ao tópico. A informação nova tendia a vir no fim da S, como os lingüistas funcionalistas têm repetido.

O que se verifica, então, é que, embora o tópico não seja expresso diretamente pelo sujeito, este é que dá continuidade a ele, através de SNs definidos, pronomes e outras expressões co-referentes ou indicadoras de referentes que pertencem ao mesmo *esquema*. Como afirmou Givón (1979) o objeto é a "principal avenida" pela qual se introduz um (sub)tópico. Desde que se entenda tópico do discurso como uma proposição mais geral, entender-se-á que o sujeito tende a manter o tópico.

Daí ver-se a anomalia do chamado sujeito posposto: o próprio fato de vir no fim do enunciado e ser expresso por sintagmas indefinidos já dá indicação de que ele não colabora na função de dar continuidade ao tópico. Na verdade, sua função, como a do objeto, é introduzir um tópico. Quando se diz: "Chegou uma aluna aqui que está querendo falar com você" - "uma aluna" está sendo falado pela primeira vez, é informação nova, daí ir para a posição pós-verbal.

Dessa maneira, entendo que o sujeito pode ser tópico neste sentido: ele dá continuidade, provê elementos que fazem parte, que constituem o tópico do discurso. Não se deve entender essa afirmação como significando que olhando os sujeitos nós vamos encontrar o tópico expresso, como quando estamos falando, por exemplo, de *cinema* (como é o texto da revista *Isto É* analisado em meu trabalho anterior) - nós não vamos encontrar todos os sujeitos repetindo a palavra *cinema*. Mas os sujeitos daquele texto, todos, se referem ao assunto cinema: filmes, personagens, etc.

2. Necessidade de distinguir tópico de

Sentimos necessidade de distinguir tópico do discurso de tópico de parágrafo e de sentença. Usando a mesma palavra para todos eles, os lingüistas causam

confusão. Uma delas é quando se diz que uma determinada estrutura sintática introduz, reintroduz ou muda o tópicico. Isso parece indicar que o tópicico muda, dentro de um texto. Mas em geral um texto costuma ter uma unidade de tópicico. Então, quando se diz que um novo tópicico está sendo introduzido, na verdade não se está dizendo que o falante (ou escritor) mudou de assunto. Em geral, é um subtópicico que está sendo introduzido. Por exemplo, numa dada conversação, eu estava comentando que nenhum jornal havia dado uma determinada notícia. E então usei a estrutura: "Já o Jornal do Brasil, você viu a crônica do Drummond?" Esse tipo de frase é semelhante a D.E. (deslocamento à esquerda), que Givón (1979) considera de mudança de tópicico. Com essa estrutura, eu estava contrastando o J.B. com os outros jornais. Não houve mudança de tópicico no sentido de assunto, continuei a falar do mesmo fato, mas *Jornal do Brasil* não havia aparecido antes. Em que medida se pode falar de mudança ou não de tópicico, em caso desses?

Aliás, em que medida se pode falar de tópicico, é a questão. Porque, eu estava falando era de determinada notícia e de como os jornais lidaram com ela. O assunto era a notícia, que se pode chamar de tópicico principal. Os jornais seriam o tópicico secundário. Creio que estas relações precisam de um estudo mais detalhado.

Grimes (1975) diz que os temas narrativos podem ser globais e locais no escopo: "Um tema global é um tema abrangente (overall) para a narrativa inteira. Temas locais são aqueles que vigoram para somente uma parte da narrativa, antes de ceder o passo a um novo tema local ou de retornar ao tema global. O tema global constitui o quadro hierárquico da narrativa em sua inteireza, e sub-árvores (Grimes analisa os temas sob a forma de árvores, à maneira da Gramática Gerativa para as Ss) dentro dele se ligam para contruir a sub-estrutura da narrativa" (p. 367).

Segundo ele, o tema local vigora enquanto "perdura uma única seqüência temporal ou lógica" (id). Quando se faz um corte, "o narrador deve informar seu ou-

vinte sobre qual tema ele está falando e de que tema ele estava falando no contexto imediato" (id).

Para fugir da confusão da nomenclatura de *tema*, *foco*, *ênfase*, e *tópico*, Grimes (1975) prefere falar em "relações de palco" (staging), que se referem à expressão da perspectiva do falante sobre o que está sendo dito. Normalmente elas fazem parte de um trecho do discurso, o *tema* ou *tópico*, e ligam tudo o mais a ele. No caso mais simples, "o tema é selecionado da informação que já foi introduzida, e este é relacionado ao resto cognitiva e tematicamente" (p. 113).

Ele acha que "parágrafos também têm tópicos e estes podem ser independentes dos tópicos de suas sentenças componentes" (p. 335). Na verdade, eu acho que os tópicos das diversas partes do texto não são independentes, mas fazem parte do *esquema* do tema.

Para Grimes o falante trata de dar relevo, através de certas estruturas, ao tema de seu discurso, como no palco se trata de iluminar aquilo que tem mais importância.

Grimes considera que um tópico marcado (nas declarativas do inglês, um tópico que não é o sujeito) é frequentemente novo, como em "Pulgas meu cachorro tem", e pode ser também informação dada, como nas Ss inglesas correspondentes a:

A: Onde será que posso encontrar algumas pulgas para meu experimento biológico ?

B: Huh! Pulgas meu cachorro tem (p. 324)

Ele considera informação nova aquela que é "relativamente imprevisível em termos do texto ou da situação" (p. 284) e corresponde ao que pode ser dado como resposta a alguma pergunta. Por isto "perguntas são instrumentos úteis em descobrir centros de informação" (p. 281).

Lembremos que diferentes lingüistas propõem as perguntas como teste para mostrar o que é tópico, que é em geral aquilo que é dado como sabido, na pergunta.

Temos aí, então, uma dificuldade: Grimes diz que o tópico marcado é a informação nova, que costuma ser

considerada o oposto de tópico. Givón também coloca o tópico marcado (deslocamento à esquerda (D.E.) e topicalização) como o inesperado, embora diga que é dado. Para Givón (1979:65), em termos de grau de definição, não há diferença entre sujeito definido e sujeito "topic-shifted" que ele iguala a "deslocado para a esquerda". Ambos são "dados" (presumidos como conhecidos). A diferença entre D.E. e a S não-marcada (SV(0)) está no "grau de dificuldade que o falante presume que o ouvinte terá ao *tentar identificar o referente*". Construções de "topic-shift" são mais marcadas e são usadas "quando o sujeito é trocado inesperadamente (ou contrastivamente, que é um sub-caso de inesperadamente)".

Givón (1982) trata de D.E. e sua função no discurso. Ele dá o exemplo "Agora, João, eu o vi saindo há pouco..." e diz que *João* é um tópico reintroduzido depois de um espaço considerável e *Eu* representa o tópico continuado (p. 104). Eu acho que reintroduzir um tópico pode ser *uma* função de D.E., mas não é a única. Interessante que Reinhart (1976) se baseia nos mesmos autores que Givón (Keenan e Schieffelin(1976), Duranti e Ochs, 1976) para dizer que D.E. é usada para *introduzir* tópicos, o que é bem diferente.

Givón propõe uma escala de continuidade de tópico, em que D.E. está na ponta oposta à anáfora zero (1981, 1982: 91):

"Mais fácil identificação/máxima continuidade/ menor valor surpresa:

anáfora zero

pronomes não-acentuados ou concordância verbal

pronomes acentuados/ pronomes independentes

SN-DEF com deslocamento para a direita

SN-DEF (sem deslocamento)

SN-DEF com deslocamento para a esquerda

Mais difícil identificação/ máxima discontinuidade/máximo valor surpresa".

Talvez Givón, ao afirmar que tanto SN-DEF como D.E. são dados, não tenha pensado que a "dadidade" também

pode ser uma questão de grau. Não vejo bem como explicar a afirmação de mudança de tópico, de máxima surpresa, máxima discontinuidade e mais difícil identificação, com "dado", a não ser que se pense neste conceito como gradativo também.

Givón (1982) se insurge contra a tendência logicista na Linguística. Ele não aceita as classificações dicotômicas, as tentativas de reduzir tudo a componentes discretos.

Tratando de relevância de tópico, ele apresenta a seguinte série de Ss:

- a) Falando de política, eu gosto de Reagan.
- b) Falando de Reagan, eu gosto de política.
- c) Falando de Reagan, o que que você acha de Haig?
- d) Falando de Reagan, este país nunca será e mesmo.
- e) Falando de Reagan, a "prime rate" está subindo novamente.
- f) Falando de Reagan, você está seguro de que Nixon também gosta de queijo ?
- g) Falando de Reagan, o céu está azul.

Com esta série ele quer mostrar que, *em princípio*, qualquer coisa pode ser o tópico invocado de qualquer coisa, qualquer coisa que está na rede (network) cognitiva é em princípio 'ligada' a qualquer coisa dentro da rede e a única questão empírica a ser determinada é "em que grau ?" "por quantas computações específicas?" e "de que modo específico ?". O ponto dele é que se fosse possível ter um sistema dedutivo fechado, poder-se-ia determinar o grau de ligação de modo exato, o que não acontece.

Eu acho que esses exemplos mostram uma gradação de pertinência. Os primeiros têm uma ligação óbvia, mas a relação vai diminuindo em seguida. Nos primeiros, me parece que a ligação independe de um texto, se faz pelo contexto social em que Reagan está inserido. No penúltimo, creio que para fazer sentido só se houvesse antes um texto em que se tivesse falado que Reagan gosta de queijo, ou se isso fosse coisa notória. Já o úl-

timo, a meu ver, é um caso extremo, que teria que ser interpretado por regras especiais do discurso, como por exemplo as que se referem à ironia. Os exemplos d) e e) estão no meio: há uma ligação menos direta do que no caso de a), b) e c) e mais direta do que f) e g).

Concordo com a tese de Givón, que quer mostrar que nem tudo pode ser analisado de modo lógico-dedutivo. Mas também me parece exagerado dizer que qualquer coisa pode ser relacionada com a outra. Há uma gradação nessa possibilidade de relação. E há regras cognitivas ou semânticas e pragmáticas que regulam o que pode ser ligado a quê.

Grimes (1981: 164) diz que não está seguro sobre o que "sobre" significa, e que para noções como as seguintes:

- a) a forma das Ss parece depender daquilo sobre o que estamos falando;
- b) às vezes estamos falando de algo, mudamos e depois voltamos (ou não) ao mesmo assunto;
- c) podemos falar de coisas, lugares, tempos, atividades e estados de coisas,

os linguistas usam termos como "tópico", "tema", "foco" e "foregrounding" sem que dois deles usem esses termos do mesmo modo.

Ele se confessa ainda no escuro, como outros, sobre o mecanismo pelo qual nós mudamos de tópico, mudamos para tópicos encaixados ou para tópicos seguintes. Esse estudo, diz ele, é um esforço em que muitos estão empenhados.

Shuy (1981: 114) na análise de tópico (seguindo Chafe (1982) e Kates (1980)) diz que a estrutura não é definida nem pelas relações gramaticais nem pela estrutura semântica. Cita Kates: "Em geral, algo é tratado como um tópico, seja linguisticamente expresso ou não, quando ele é tratado como um objeto ou estrutura intencional (invariante) de algum tipo. Um comentário se refere a algum modo em que o objeto pode ou devia ou irá ou faz, etc., aparecer ou se manifestar". Para mim, esta definição é reveladora do estado de confusão a que

chegamos.

Shuy faz uma análise dos tópicos de uma conversação. Para saber quando há mudança de tópico, usa o critério da mudança de (foco do) assunto e certas marcas de mudança de tópico (segundo Keenan e Schiefflin, 1976), como: "Hey, I got something here; uh...; Hold it. Wait a second; Now; Just one problem; Well; Uh, what else?" - todos seguidos de um novo tópico.

Ele identifica, portanto, tópico com assunto. Ele analisou uma conversação em que se falou de muitas coisas. Havia, então, mudanças de tópico que não se verificam em textos curtos, como crônicas, seções de revista e jornais.

Acho que o que mais se coaduna com os dados do português que tenho examinado é a afirmação mais recente de Givón, de que a D.E. retoma um tópico depois de um lapso. Esta é uma das funções de D.E.

A construção que se inicia com "Quanto a", típica de língua escrita, corresponde ora a topicalização, ora a D.E. e é muito usada para se destacar um subtópico que se passa então a examinar. É costume lançar-se inicialmente o tema geral, do qual fazem parte alguns subtópicos. Trata-se primeiro de um, depois de outro. Quando se vai tratar do segundo, pode-se começar: "Quanto a..." . Esta expressão indica, na língua escrita, que se vai tratar agora daquele subtópico.

Tenho um texto que ilustra bem o uso da estrutura de tópico marcado para indicar retomada de tópico:

"O quinto, assim, seria apenas mais um, precisamente o quinto, ainda que o apoio presidencial pudesse colocá-lo em pé de igualdade ou até de superioridade sobre os quatro.

Estaria, então, o quadro sucessório muito mais complicado do que está. Quem vencesse a convenção não teria condições de impedir a implosão do colégio eleitoral.

Mas, sobre o quinto, quem será? Aqui as coisas enrolam. Esta semana, tem subido a estrela do ministro Jarbas Passarinho... (Car-

los Chagas, O Estado de São Paulo, 6-4-84, p.3).

Vê-se, neste texto, que o tópic^o do primeiro parágrafo citado era *o quinto*. Em seguida, veio um parágrafo em que o tópic^o (local) foi *o quadro sucessório*. Para voltar ao tópic^o anterior, inicia-se outro parágrafo com uma estrutura de tópic^o marcado: "Mas, sobre *o quinto*, quem será?"

No entanto, esta não é a única função da estrutura de tópic^o marcado. Já ouvi S com essa estrutura iniciando tópic^o novo:

"Seus livros todos, já tirei xerox de tudo".

Essa S foi falada quando não se estava falando de livros. A pessoa, que estava com meus livros emprestados, me viu, lembrou-se deles e quis me dar uma satisfação.

Este outro exemplo introduz um tópic^o (contrastivo):

"Eu acho que no Banco sobe homem, mulher não sobe fácil não." (diálogo gravado).

O exemplo seguinte de D.E. retoma um tópic^o principal, interrompido por um secundário:

"Essa partitura pede ainda porém uma visita à China, à Índia e sobretudo ao Nepal, a terra onde os deuses ainda estão na própria casa, e andam vivos no meio do povo. *Essa viagem decisiva espero fazê-la ainda este ano*" (Gerardo Mello Mourão, Folha de São Paulo, 3-4-84, p. 34).

É possível dizer que D.E. aí está retomando o tópic^o, se considerarmos que houve uma intercalada iniciada por *onde* em que se falou do Nepal. O tópic^o principal era *viagem*. Este exemplo parece confirmar a afirmação de Givón.

Já vimos outros exemplos em que a construção de tópic^o é usada para retomar o tópic^o. Um deles foi "A casa não vendeu não", em resposta, "já vendeu a casa?"

Acho que este tipo de exemplo ilustra a necessidade de colocar o tópic^o no início da S. Como *casa* é objeto, a maneira de indicar que ele é o tópic^o é atra-

vês desta construção. Não se pode dizer que *a casa* topicalizado é novo, uma vez que apareceu antes, na pergunta.

Eu estou convencida de que o uso da palavra tópicico para assunto do discurso e para um elemento do parágrafo e da S é nefasto. Acho que é preciso distinguir entre o assunto do discurso, que é o tema geral, e os subtópicos que se ligam ao *esquema* do tema. Assim, quando se fala em introduzir um novo tópico, é preciso ter em mente que se trata de um tópico local e não geral.

Mesmo na conversação, em que se muda de tópico (assunto) com mais liberdade, existem regras para se encadear um assunto em outro. É mais raro poder-se mudar completamente de um assunto para outro, sem nenhuma relação com o que se estava falando antes. Em geral, quando alguém quer introduzir um novo *tópico*, tem que arranjar uma fórmula de ligá-lo ao que se está falando. Uma destas fórmulas é "Por falar em política, você viu o que F. fez?" Mas tem que haver relação, senão o grupo reage, estranhando. Isso mostra como existe uma regra coercitiva para que o *tópico* geral seja mantido, mesmo na forma mais livre de discurso que é a conversação.

Givón (1982) fala em unidade temática, distinta de continuidade de tópico. Para ele, são duas coisas diferentes. Mas ele não define o que entende por unidade temática; só diz que "de algum modo a passagem que ele citou é dada como um único evento, uma 'unidade de respiração' temática" (p. 91).

Os três principais fatores de continuidade/predizibilidade são: continuidade e identificabilidade de tópico/referente; continuidade de ação em um sentido mais estrito, seqüencial; e continuidade temática em um senso mais lato (p. 94).

Os exemplos que Givón usa talvez ajudem a entender o que ele entende por tema. Ele diz que em "He came into the room, saw Mary, pulled a chair and sat down.. *She* seemed tired, *he* thought. *He* relaxed", "come

ça-se com o tipo máximo de continuidade (zero). Ocorre uma quebra quando Mary se torna tópico/sujeito. Há nova ruptura quando o tópico/sujeito volta a ser *he*. Todas três continuidades são rompidas nesses casos e não se pode usar anáfora zero mais". Já o exemplo seguinte:

"He came into the room, looked around and sat down. *He* was tired and confused; *he* slumped in his chair and waited". (p. 91)

"ilustra o fato de que a descontinuidade não tem que ser devida à mudança de tópico" (...) "Ela pode ser puramente temática (grifo meu), simplesmente um meio de organizar a 'mesma' seqüência em grupos de acontecimentos diferentes, descontínuos" (p. 92).

É difícil saber se o que ele entende por continuidade temática é o mesmo que "de assunto".

Parece claro, para mim, que há necessidade de distinguir tema do discurso (que vou considerar como o global, geral) e tópicos locais, que fazem parte do esquema geral do texto. Quando se fala que um elemento introduz ou reintroduz um tópico, está-se pensando na verdade em tópicos locais.

Vou examinar um texto para verificar qual a relação entre o tema do discurso e o sujeito (ou até que ponto o sujeito é tópico).

Grimes (1975) aconselha a começar a análise de discurso por textos bem editados. Baseado em sua (e de seus colegas) experiência com línguas indígenas de todo o mundo, ele afirma que mesmo nas culturas iletradas existe uma consciência de "boa formação" de textos. Os falantes sabem reconhecer uma história bem contada. Por isso, ele acha melhor, quando se analisa o discurso de culturas sem escrita, trabalhar com contos folclóricos do que com narrativas espontâneas, porque aqueles são mais bem construídos. Em línguas com escrita, textos bem editados, considerados pelos falantes como bons textos, são melhores de analisar, segundo ele, porque "fornecem a análise mais consistente" (p. 32), e são mais representativos dos padrões que o gru-

po considera melhores.

3. Estudo de texto

O Grande Clandestino

Anibal Machado

Eu me distraio muito com a passagem do tempo.

Chego às vezes a dormir. Durmo meses e anos. O tempo então aproveita e passa escondido. Mas que velocidade!

Basta ver o estado das coisas depois que desperto: quase todas fora do lugar, ou desaparecidas; outras, com uma prole imensa; outras ainda, alteradas e irreconhecíveis.

Se durmo de novo, e acordo, repete-se o fenômeno.

Sempre pensei que o tempo fizesse tudo às claras. Oh, não !

Eu queria convidá-los a assistir ao que ele tem feito comigo. Mas é espetáculo todo íntimo e não disponho de tribunas.

Além do mais, o tempo em pessoa é praticamente invisível, como a ventania. Sô se pode apreciar o resultado de seu trabalho, nunca a sua maneira de trabalhar.

O que é preciso é nunca dormir e ficar vigilante para obrigá-lo ao menos a disfarçar a evidência de suas metamorfoses.

É de fato penoso deixar de ver as coisas tais como as vimos a primeira vez. O tempo tudo transforma e arrasa, sem nos dar aviso.

Ora, isso entristece. Isso nos deixa intransquilos. A não ser que nos misturemos com ele, façamos dele um aliado.

Aí, sim, destruição e reconstrução se con

fundem. Sacos e sacos vão se enchendo e esvaziando toda a vida. Perde-se até a idéia da morte. Então a gente aproveita para erigir sistemas, tomar iniciativas, amar, lutar e cantar. O tempo fica assim tão escondido dentro de nós, que se tem a impressão que fugiu para sempre e se esqueceu.

Em verdade, ele não repousa nunca. Nem mesmo nas pirâmides. Nem nos horizontes onde parece pernoitar.

Rói as pedras como o vento, rói os ossos como um cão. O que mais admira é a extrema delicadeza com que pratica essas violências.

Todos falam de sua impassibilidade. Não é bem isso. Tanto assim que aumenta de velocidade, à medida que nos distanciamos de nossas origens. E quase para quando o esperamos na solidão.

Meu mal é sentir-lhe a passagem como a de um animal na noite. Chego quase a tocar nele. Fico horas à janela vendo-o passar. É um vício.

Oh, como se diverte ! Para ele, destruir uma árvore, um rosto, uma instituição, uma catedral - tanto faz.

O desagradável é quando de repente se retira dalgum objeto ou de alguém. É claro que prossegue depois, mas deixa sempre uma coisa morta. Franqueza, nessa hora dá um aperto no coração, uma nostalgia!...

Contudo não se deve ligar demasiada importância ao tempo. Ele corre de qualquer maneira.

E é até possível que não exista.

Seu propósito evidente é envelhecer o mundo.

Mas a resposta do mundo é renascer sempre para o tempo.

"O Grande Clandestino", ele veria confirmadas suas afirmações. A crônica se refere ao tempo. E na verdade, encontramos "o tempo" quatro vezes como sujeito expreso, 15 vezes encontramos verbos que têm o sujeito *tempo* oculto, 5 vezes o pronome *ele* como sujeito referindo-se a *tempo*. Isso dá um total de 24 sujeitos "tempo". O sujeito que aparece mais vezes, depois de *tempo*, é a primeira pessoa: 10 vezes, incluindo *eu* expreso e indicando pela flexão do verbo. A idéia de Givón é de que há uma hierarquia de continuidade de tópico, em que a anáfora zero é o mais alto grau. E o que se vê nesse texto é que a maioria dos verbos com anáfora zero se refere ao tema, que é *tempo*. A afirmativa de que o sujeito se refere ao tema do texto encontra aí confirmação, não em termos absolutos, mas em termos probabilísticos: a maioria dos sujeitos deste texto é referente a tempo. O segundo sujeito mais freqüente, que fica bem abaixo de *tempo*, é a primeira pessoa. E isso também tem relação com o tema, porque o texto trata de tempo, mas também da relação do autor com ele. Ele não trata do tempo em abstrato, como uma dissertação científica, mas do problema existencial: o que o tempo faz às pessoas, às coisas, a sua inexorabilidade, enfim, o fato de que ele passa para nós e os outros. No fim, é o problema da morte. E nenhuma pessoa fica indiferente à passagem do tempo. Pode-se dizer que há um tópico principal e um secundário (?), que é o autor, ou pode-se dizer que o tema é um só, a relação da pessoa com o tempo. Mas é inegável que o tempo é o tema desse texto. Isso se comprova também pelas outras anáforas, além dos sujeitos. Há 5 pronomes possessivos (*seu, sua*), três pronomes objetivos diretos (*-lo, -o*) um *dele*, um *nele*, um *lhe*, todos referentes a tempo. E a palavra *tempo* ainda aparece três vezes em sintagmas preposicionadas (*ao tempo, para o tempo, do tempo*).

Em termos de maioria, portanto, os sujeitos se referem diretamente ao tema. Encontramos, ainda, seis sujeitos indeterminados, quatro *nós* (que pode ser considerado variação de *eu*), dois *isso*, um *a gente* (que tam

bem pode ser considerado variação de *eu*), um *todos* (em que *eu* também pode ser incluído), mais *todas* e *outros* anafóricos a coisas, e por último *destruição* e *reconstrução*, *sacos e sacos*. Será que esses sujeitos também se referem ao tópico? Me parece que sim. *Nós*, *a gente*, *todos* referem-se a pessoas que se relacionam com o tempo. *Coisas* também estão no texto porque são alteradas pelo tempo. O pronome *isso* é anafórico ao contexto: "Isso nos entristece. Isso nos deixa intranquilos!" - isso é o que o tempo causa nas coisas, que está expresso no parágrafo precedente. *Destruição* e *reconstrução* são referentes à ação do tempo, é justamente do que ele está tratando. Por último, "sacos e sacos" é um sujeito metafórico. "Sacos e sacos vão se enchendo e esvaziando toda vida" - também referente à ação do tempo.

Esse texto, portanto, mostra que, na verdade, a idéia de que o sujeito é tópico tem sua razão de ser. Todos os sujeitos nesse texto refletem ou diretamente o tema ou o que está com ele relacionado: as pessoas, as coisas, os acontecimentos que ele provoca. Pode-se dizer, em última análise, que os sujeitos compõem o "esquema" *tempo*. Do que trata esse texto? Do tempo, sua inexorabilidade, sua ação sobre as pessoas, as coisas, a vida do homem enfim.

Pode-se colocar uma questão: se isso é privilégio do sujeito. Na verdade, vemos que nesse texto há outros elementos anafóricos a tempo também. O que é que distingue o sujeito de outros componentes? Logo na primeira sentença, notamos que o tema é introduzido através de um elemento indireto: "Eu me distraio muito com a passagem do tempo". Note-se que o sintagma introdutor do tópico vem no fim da S.

Examinando os objetos diretos, temos: *o estado das coisas*, *o fenômeno*, *tudo*, *-los* (destinatários) *o resultado do seu* (do tempo) *trabalho*, *a sua* (do tempo) *maneira de trabalhar*, *-lo* (o tempo) *a evidência de suas* (tempo) *metamorfozes*, *as coisas*, *-as* (as coisas), *tudo*, *aviso*, *a idéia da morte*, *sistemas*, *iniciativas*, *a*

impressão, as pedras, os ossos, a extrema delicadeza, essas violências, sua (do tempo) impassibilidade, - o (= tempo) (2 vezes) a passagem (do tempo), uma árvore, um rosto, uma instituição, uma catedral, uma coisa morta, um aperto no coração, uma nostalgia, o mundo.

Há semelhanças e diferenças entre o conjunto de objetos e o de sujeitos. Por um lado, encontramos elementos anafóricos referentes a tempo, embora em menor quantidade: há nove referências anafóricas ao tempo, das quais três são pronomes objetos. Há também referência ao estado das coisas, à ação do tempo, como nos sujeitos. Não se pode, portanto, dizer que os objetos não se liguem também ao tópico. O que difere é a quantidade, nesse caso. Há também um SN que se relaciona diretamente com tempo, "idéia da morte".

Em compensação, há uma série de objetos que não se relacionam diretamente com o tópico, a não ser dentro do texto, como: *aviso, sistemas, iniciativas, a impressão, as pedras, os ossos, delicadeza, violências, uma árvore, um rosto, uma instituição, uma catedral, um aperto no coração, uma nostalgia, o mundo.* Esses substantivos só se relacionam com o tema indiretamente, por via do texto. Ou seja, não fazem parte do "esquema" mental de tempo.

Há, a meu ver, uma diferença entre os SNs que ocorrem como sujeito e os que ocorrem como objeto. Só que não há uma oposição entre eles. Os sujeitos são dos tópicos neste texto, enquanto os objetos em sua maioria não.

Outra observação interessante a respeito dos objetos é que esta posição costuma ser onde um SN aparece pela primeira vez no texto. Assim acontece com *o estado de coisas*, com *o fenômeno* (embora este substantivo se refira ao que foi narrado antes), com *tudo*, com *o resultado do seu trabalho*, *a sua maneira de trabalhar*, *a evidência de suas metamorfoses*, *as coisas*, *aviso*, *a idéia da morte*, etc. Em suma, ao contrário do sujeito, que costuma ser "dado", o objeto é "novo".

.O objeto introduzido pode ser em seguida referido

novamente através principalmente do sujeito anafórico, ou pode nem aparecer mais. Este é o caso de objetos como *sistemas, iniciativas, impressão, pedras, ossos, aviso, como árvore, rosto, instituição, catedral, aperto no coração, nostalgia, violências, impassibilidade.*

Mesmo SNs ligados a tempo por um determinante anafórico, como *a sua maneira de trabalhar, o resultado de seu trabalho, suas metamorfoses,* aparecem uma vez só no texto. Referem-se ao tema, mas não são o tema.

Vou concluir com a comparação do sujeito com o objeto direto, porque minha intenção não é examinar cada função sintática, mas apenas comparar o sujeito com a função sintática que me parece mais importante (depois do sujeito) a fim de ressaltar as características do sujeito. Em resumo, vimos que o sujeito é eminentemente tópico, enquanto que o objeto é predominante "no vo". Encontramos apenas três pronomes-objetos anafóricos a tempo. O resto dos objetos são SNs "únicos".

Vê-se, assim, como o sujeito é o elemento que dá continuidade ao tópico, através da anáfora zero, dos pronomes e da anáfora léxica. Além disso, ele é o elemento por excelência da coerência (coesão ?) do texto, pois é através dele que o tópico se evidencia.

NOTA

1. "The paragraph is usually a series of sentences that develop one topic. A paragraph can be as long as necessary to develop the topic.

The purpose of paragraphing is to show change of thought or change of topic. For that reason, each paragraph must be limited to a single topic. The main topic is usually expressed in the topic sentence, which is usually the first sentence of the paragraph. The other sentences in the paragraph develop the topic sentence, or the main idea of the paragraph..." (p. 354). Este é um trecho de um livro didático americano, destinado a alunos de inglês.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GIVÓN, T. (1979), *On Understanding Grammar*. New York: Academic Press.
- _____. (1981), Topic continuity in discourse: The functional domain of switch reference. In J. Haiman (ed.) *Switch Reference, Typological Studies in Language*, vol. 2, Amsterdam: J. Benjamin's (1982).
- _____. (1982), Logic VS pragmatics, with human language as the referee: Toward an empirically viable epistemology. *Journal of Pragmatics* 6.2.
- GRIMES, J. (1975), *The Thread of Discourse*. The Hague: Mouton.
- _____. (1981), Topics within topics. In: D. Tannen (ed) *Georgetown University Round Table on Language and Linguistics 1981*. Washington, D.C.: Georgetown University Press.
- HALLIDAY, M.A.K. and R. HASAN (1976), 2nd imp. *Cohesion in English*. London: Longman.
- HUPET, M. e J. COSTERMAN (1976), Um passif: Pour quoi faire? (Quinze années de travaux psycholinguistiques) *La Linguistique* 12.2.
- LABOV, W. e J. VALETSHY (1967), Narrative analysis: Oral versions of personal experience. In: H. June (ed). *Essays on the Verbal and Visual Arts*. Seattle: University of Washington Press.
- LYONS, J. (1977), *Semantics* 2. Cambridge: Cambridge University Press.
- MACHADO, A. (1974) *Seleta em Prosa e Verso*. Rio: José Olímpio.
- PERINI, M. A. (1981) Tópicos discursivos e a legibilidade dos textos. MS. Belo Horizonte: UFMG.
- PONTES, E. S.L. (1981), Construções de tópico em língua escrita *Ensaio de Linguística* 5. Belo Horizonte: UFMG.

- REINHART, T. (1976) *The Syntactic Domain of Anaphora*. Tese de Doutorado, MIT.
- SHUY, R.W. (1981), Topic as the unit of Analysis in a Criminal law case. In: D. Tannen, (ed.) *Georgetown University Round Table on Language and Linguistics 1981*. Washington, D.C.: Georgetown University Press.
- VAN DIJK, T.A. (1982), *Text and Context. Explorations in the Semantics and Pragmatics of Discourse*. 2nd imp. London: Longman.
- WISHON, G.E. e J.M. BURKS (1968) *Let's write English, Book I*, New York, American Book Company.